

EVERARDO ADOLPHO BACKHEUSER: EXPOENTE DE UM ESCOLANOVISMO CATÓLICO

EVERARDO ADOLPHO BACKHEUSER: EXPONENTE DE UN ESCOLANOVISMO CATÓLICO

EVERARDO ADOLPHO BACKHEUSER: EXPONENT OF THE CATHOLIC NEW EDUCATION FELLOWSHIP

*Maristela da Rosa**

*Gladys Mary Ghizoni Teive***

Resumo: A partir de uma microanálise sócio-histórica, este artigo intenta apontar indícios para a compreensão da trajetória social do intelectual Everardo Adolpho Backheuser no campo educacional, como expoente de um 'escolanovismo católico'. Ao entender a trajetória social como o movimento empreendido pelo agente dentro do campo, descreve-se o seu perfil biográfico citando a origem sociofamiliar e os percursos escolares; e, sublinha-se, a atuação deste intelectual dentro do campo pedagógico e a sua posição na querela entre católicos e escolanovistas. O *corpus* conceitual, de inspiração bourdieusiana, que fundamentou este texto, bem como as fontes selecionadas, são apresentados no decorrer da narrativa.

Palavras-chave: Everardo Adolpho Backheuser; intelectual católico; trajetória social; escolanovismo católico.

Abstract: From a social historical microanalysis, this article attempts to point out indications for understanding the social and intellectual Everardo Adolpho Backheuser in the education field, as exponent of the 'catholic new education fellowship'. By understanding the social course as a movement undertaken by the agent in the field, its biographic profile is described mentioning the social Family history and school retrospective; moreover, (emphasis added) the contributions of this intellectual in the educational field and his position on the dispute between Catholics and new education fellows. The Bourdieusian conceptual corpus, which grounded the present article, alongside with the sources selected, is presented throughout the narrative.

Keywords: Everardo Adolpho Backheuser; catholic intellectual; social history; catholic new education fellowship.

Introdução¹

O estudo da trajetória social de Everardo Adolpho Backheuser – intelectual atualmente pouco conhecido, mas relevante em seu tempo – desperta interesse investigativo e relevância sócio-histórica, em especial, pela sua significativa atuação no campo pedagógico brasileiro, sobretudo nas décadas de 1920 e 1930 como representante da intelectualidade católica nacional.

Referências acerca da intelectualidade católica no Brasil, como Rodrigues (2013), Arduini (2009), Cury (1978) e Soares (2014), mostram que

a Igreja Católica procurou historicamente manter uma participação ativa na vida social do país. Para este fito, no final do século XIX e início do XX, a instituição necessitou se organizar em torno de um laicato intelectualizado e propôs um movimento conhecido como Reação Católica. Como parte da sociedade civil, tornou-se necessário para a Igreja, desenvolver estratégias que a levassem a ações que garantissem a manutenção da sua posição de instituição ideologicamente influente sobre a população, e a tornasse competitiva diante dos novos movimentos ideológicos presentes no campo. Nessa direção, era fundamental a formação de uma liderança católica que soubesse atuar e dialogar no campo em mudança.

Alguns intelectuais engajados nesse empreendimento são comumente citados pela historiografia brasileira, como Dom Sebastião Leme (Cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro) e Jackson de Figueiredo (fundador do Centro Dom Vital, onde reuniu a intelectualidade católica em torno da revista *A Ordem*). Este último foi ainda responsável pela conversão ao catolicismo do conhecido crítico literário Alceu Amoroso Lima, o qual se tornou um líder católico de renome nesse período. Além disso, após a morte de Figueiredo, Amoroso Lima herdou a direção do Centro Dom Vital e de sua revista, e, conseguiu articular uma discussão em torno do novo papel que a Igreja deveria assumir na modernidade. Neste artigo, insere-se Everardo Adolpho Backheuser também como um representante da intelectualidade católica, o qual, após a conversão ao catolicismo (fato explicado no perfil biográfico), teve atuação significativa no campo pedagógico onde propagou o que se convencionou chamar de 'escolanovismo católico'.

De inspiração bourdieusiana, o texto em tela propõe-se apontar indícios para a compreensão da trajetória social deste agente, a partir da sua origem sociofamiliar, dos seus percursos escolares e, de forma mais enfática, do seu percurso profissional marcado por ações de forte expressão, em especial, no campo pedagógico. Para tanto, considera-se importante anunciar, ainda que de forma sucinta, a compreensão da categoria intelectual; descrever o campo educacional no espaço/tempo delimitado; para então, situar Backheuser e sublinhar a sua trajetória como intelectual católico.

Para refletir sobre os usos da expressão 'intelectual' nos cenários literário e político, Vieira (2008) opera um recuo temporal/espacial, e constata que a palavra *intelligentsia*, no contexto russo do final do século XIX, associava-se à ideia de uma elite definida pelo grau de formação e competência para tratar o conhecimento erudito, ou a cultura de modo geral. Enquanto o termo *intellectuel*, na França do início do século XX, ganha destaque como expressão de engajamento, missão e comprometimento com a vida pública. Cada termo no seu respectivo tempo/espaço, tanto *intelligentsia* quanto *intellectuel*, tornam-se sinônimos de uma categoria específica de homens públicos que, contrapostos ao sábio, ao erudito e ao letrado – expressões que qualificam "sujeitos privados" – instituem-se enquanto "sujeitos políticos coletivos" (VIEIRA, 2008, p. 71). Isto posto assume-se aqui o plano de voltar

a atenção e as lentes para Backheuser como um intelectual, um sujeito político coletivo, tentando articular os seus discursos/ações ao campo em que se movimentou expressivamente, qual seja, o pedagógico.

Rodrigues (2013, p. 24) assevera que “o intelectual na sociedade brasileira pode ser observado em sua importância a partir de meados do século XIX como um dos responsáveis no auxílio ao forjamento de uma noção de identidade nacional”. A partir da segunda metade do século XIX no Brasil, os intelectuais procuravam desempenhar uma espécie de missão civilizadora que forjaria uma identidade nacional. A respeito dos intelectuais brasileiros, sobretudo os que atuaram entre as décadas de 1920 e 1940, Daros afirma que:

acreditavam no poder redentor da escola e se instituíam como intérpretes do povo e da nação. Católicos, protestantes, liberais, conservadores, integralistas, comunistas, em diferentes contextos e lugares sociais, compartilhavam convicções sobre o papel das elites intelectuais na construção da nação (DAROS, 2013, p. 258).

Não obstante, é necessário ressaltar que, se por um lado, os intelectuais enquanto “sujeitos políticos coletivos” compartilhavam a intenção de agir para transformar a sociedade, alguns deles divergiam quanto às direções dessas mudanças, levando em conta as suas posições políticas e as suas claves filosóficas. Estas divergências provocaram cisões profundas, apesar de não irremediáveis, dentro da *intelligentsia* brasileira. Enfatiza-se que o estudo proposto neste artigo encontra-se no âmbito das análises da intelectualidade ligada ao campo pedagógico nas décadas de 1920 e 1930, portanto, trata-se de uma acirrada disputa por projetos para a educação brasileira. A luta pela reforma do ensino abre à *intelligentsia* uma via para a ação. Aqui se pode citar a criação da Associação Brasileira da Educação (ABE) em 1924 no Rio de Janeiro, “por intermédio do setor da *intelligentsia* representado pelos ‘educadores reformadores’ (Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, entre outros)” (MARTINS, 2008, p. 17). Backheuser, também foi um dos fundadores² desta instituição com a qual, rompe relações em 1931.

A ABE – cujo tema central era a remodelação e a reestruturação do sistema escolar com vistas à formulação e implementação de uma política nacional de educação – foi, nas décadas de 1920 e 1930, a principal instância de organização do chamado movimento de renovação educacional no Brasil. Congregou, na década de 1920, numa mesma campanha pela ‘causa cívico-educacional’, grupos de educadores que se antagonizariam na década seguinte. Nos anos de 1930 a luta pelo controle do aparelho escolar tornou-se central, então, o campo de consenso constituído no movimento educacional dos anos de 1920 passa a ser tensionado por estratégias rivais dos grupos. O primeiro grupo composto por militantes católicos que haviam

integrado e liderado a ABE nos anos vinte e que abandonam no início dos anos trinta, passando a se articular em outras associações, entre os quais, Fernando Magalhães e Everardo Backheuser; e o segundo, composto por intelectuais escolanovistas, entre os quais, alguns signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova que assumiram o controle da ABE a partir de 1932 (CARVALHO, 2003).

Este embate doutrinário no campo pedagógico foi, para estes grupos, estrategicamente fundamental na querela que se desenrolou na primeira metade da década de 1930, prolongando-se até, pelo menos, a decretação do Estado Novo. Pioneiros e católicos acreditavam que na educação estava a solução para a reconstrução da sociedade. No entanto, os primeiros viam a finalidade da educação na sociedade, e, os segundos viam o transcendente como único norteador possível das práticas educativas (CUNHA; ERRERIAS, 2000). Para os católicos, a educação deveria ser tarefa da Igreja, incumbida de preparar as consciências para a vida em sociedade e elevá-las à sua verdadeira destinação espiritual. Além disso, a principal bandeira de luta dos católicos na frente educacional era o combate à laicização do ensino (SAVIANI, 2013). Para os pioneiros, no mundo em crise, a educação, baseada em métodos apoiados nas ciências, teria por fim integrar as gerações às novas condições de vida do mundo em mudança. Assim, princípios como obrigatoriedade, gratuidade, laicidade e coeducação passam a constituir as bandeiras da luta dos educadores reformistas (CURY, 1978). A questão apresentou-se, de forma especial, como disputa pelo ensino religioso dentro da escola pública. Entretanto, muito mais estava em jogo. A principal questão estava entre a mentalidade laica da República e a mentalidade dos líderes católicos que conservavam uma cultura fortemente religiosa. Nessa época, a educação foi claramente valorizada, como instrumento político de controle social, o que evidencia a existência de uma contenda pelo poder no campo educacional (CARVALHO, 2003). Em relação às divergências ideológicas referentes à educação entre os grupos citados, Saviani afirma que:

Conforme os católicos, a escola leiga preconizada pelos escolanovistas em lugar de educar deseducava: estimulava o individualismo e neutralizava as normas morais, incitando atitudes negadoras da convivência social e do espírito coletivo. Somente a escola católica seria capaz de reformar espiritualmente as pessoas como condição e base indispensável à reforma da sociedade (SAVIANI, 2013, p. 257-258).

Estudos de Carvalho (2003), Sgarbi (1997), Errerias (2000) e Narcizo (2008) entre outros, evidenciam que a intensa querela entre católicos e escolanovistas (devido, especialmente, às diferentes concepções de educação que defendiam) pode levar à conclusão apressada da ausência de

convergência, pontos de diálogo, ou apropriação de ideias entre estes dois grupos. No entanto, os discursos de alguns intelectuais católicos da época demonstram que a ideologia escolanovista repercutiu nos seus círculos, fomentou reflexões e debates e a elaboração de estratégias para adequar a metodologia da pedagogia moderna aos interesses e objetivos da doutrina católica. É possível falar então, em uma forma de 'escolanovismo católico'. Em relação à atitude de alguns intelectuais católicos frente à Escola Nova, Ghiraldelli Jr. afiança que:

Não a rechaçaram em bloco. Disputaram com a intelectualidade laica o que começaram a ver como possíveis virtudes do ideário da escola nova que, afinal, ganhava adeptos velozmente no seio da vanguarda do professorado. Nos anos trinta no Brasil, apareceu um inicial, porém significativo, discurso católico com simpatias a certas ideias do movimento da escola nova. Jonathas Serrano e Everardo Backheuser foram, sem dúvida, elementos destacados deste terreno cinzento da polêmica entre adversários e adeptos de Dewey. [...] Com Everardo Backheuser, a pedagogia católica empenhou-se em encontrar uma "terceira via entre o tradicionalismo e o ideário da educação nova" (GHIRALDELLI JR., 2001, p. 51-52).

É possível afirmar então, que nesse território contestado, de olhares desconfiados para a modernidade, por parte de representantes da Igreja, alguns intelectuais de clave católica tentaram dialogar com as novas ideias, e aí, Everardo Adolpho Backheuser emerge como agente influente. No campo educacional, ele se posiciona ao lado do grupo católico, no entanto, seus discursos e ações não visam interceptar a difusão dos ideais do grupo oposto, mas, favorecer a aproximação entre catolicismo e modernidade. Interessava a ele fomentar o diálogo com os preceitos escolanovistas sem deixar de lado as lentes da clave católica, valendo-se de estratégias elaboradas no sentido de propagar entre os professores, um escolanovismo católico. Entre estas estratégias, citam-se a sua atuação na Associação de Professores Católicos do Distrito Federal; na Confederação Católica Brasileira de Educação; na Revista Brasileira de Pedagogia (veículo oficial da Confederação); e a escrita de manuais pedagógicos para uso das Escolas Normais e Institutos de Educação, direcionados à formação e ao aperfeiçoamento de professores primários em um período de efervescência do movimento da Escola Nova no Brasil.

Para alcançar o escopo deste empreendimento qual seja: apontar indícios para a compreensão da trajetória social do intelectual católico Everardo Adolpho Backheuser, no campo pedagógico brasileiro das décadas de 1920 e 1930, recorre-se ao aporte teórico do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Dois conceitos de inspiração bourdieusiana dão o tom para a análise que se propõe: trajetória social e campo.

Montagner (2007, p. 254) afirma que para Bourdieu, “uma trajetória é a objetivação das relações entre os agentes e as forças presentes no campo”. Essa objetivação resulta em uma trajetória que descreve a série de posições sucessivamente ocupada pelo mesmo agente dentro de um espaço/tempo em permanente mudança. A trajetória social é o movimento dentro de um campo definido estruturalmente, e nesse movimento exprimem-se as disposições do *habitus* constituído. Essas disposições são definidas por Teive (2008, p. 25) como a maneira das pessoas olharem e agirem no mundo, as quais “advêm de estilos de raciocínio historicamente formados, de esquemas de percepção incorporados”. A concepção de *habitus* é imprescindível para o entendimento da trajetória social de um indivíduo, pois sua existência é definida pelo *habitus*. Isto é, pelo conjunto de posições ligado às disposições pessoais historicamente construídas (BOURDIEU, 2006). Essas disposições que fazem o agente ser capaz de agir e se posicionar no campo, indicando um sistema de esquemas de percepção, valores, juízos, apreciação e de ação incorporado pelas experiências e que faz parte de uma estrutura. Para Bourdieu (2001, p. 61), o *habitus* “indica a disposição incorporada, quase postural”. Teive (2008, p. 30) complementa afirmando que as ações pedagógicas recebidas pelo indivíduo, desde os seus primeiros anos de vida, constituem um “hábito primário”, o qual comandará o processo de estruturação de novos *habitus* a serem produzidos por diferentes agências de socialização, especialmente pela instituição escolar”. Nesse sentido, para compreender o *habitus* no indivíduo socialmente construído, é necessário perceber sua constituição desde a origem sociofamiliar; os percursos escolares; o percurso profissional, enfim, sua trajetória social nos campos em que atuou, no caso de Backheuser, notadamente no campo pedagógico.

Considera-se fundamental a concepção de campo para a compreensão da trajetória social da personagem deste estudo, no sentido de que é concebido como o espaço onde foram desenhados e definidos seus discursos e ações. Bourdieu (2004, p. 20) define campo como “o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas”. A noção de campo designa esse espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas leis próprias.

Assim, se pode entender campo como um espaço estruturado de posições, onde os agentes – por meio de estratégias – se enfrentam pela manutenção e pela obtenção de determinados postos. No interior de cada campo, revela-se a disputa entre os representantes da “autoridade” – que detêm maior acúmulo de capital e lutam para conservá-lo – e os denominados por Bourdieu (2003) de “recém-chegados” ou “pretendentes” (que almejam o acúmulo do principal capital daquele campo específico), dando origem então ao jogo. Munidos de mecanismos específicos, os campos possuem propriedades que lhes são particulares, e se tornam

microcosmos autônomos no interior do espaço social (macrocosmo). Um campo específico possui uma estrutura própria, relativamente autônoma em relação aos outros campos. Ainda que mantenham uma relação entre si, os diversos campos possuem objetivos singulares, e, portanto, uma lógica particular de funcionamento e de estruturação. Para Bourdieu (2003, p. 206), campo é “um espaço de jogo, um campo de relações objetivas entre indivíduos ou instituições em competição em torno de uma parada em jogo idêntica”. O campo indica uma rede, uma estrutura, um espaço em disputa no qual cada agente ‘joga’ em busca do acúmulo de certos capitais, sejam eles econômico, cultural, social, simbólico, entre outros. A posição no campo a ser ocupada por determinado agente depende diretamente da quantidade e da qualidade dos capitais por ele acumulados, sendo que essa posição determinará suas ações a serem forjadas pelo *habitus* constituído. Assim, a estrutura de um campo depende da concentração de capitais em cada um dos agentes envolvidos. A concepção bourdieusiana de *campo* é uma ferramenta importante para perceber o circuito de Backheuser como intelectual católico, no campo pedagógico, marcado pelos debates acerca da Escola Nova no Brasil.

O texto está estruturado em duas partes. A primeira se ocupa com a descrição do perfil biográfico de Backheuser e, cita sucintamente, algumas das suas facetas profissionais. Pode-se dizer que esta primeira parte está inserida na movimentação profissional de Backheuser na parte inicial da década de 1920, quando ainda era ateu. A segunda parte, situada especialmente no fim da década de 1920 e início da década de 1930, aponta traços da sua trajetória como intelectual convertido ao catolicismo no campo pedagógico, e dedica atenção especial à sua atuação na difusão de um escolanovismo católico por meio de um impresso específico: o manual pedagógico intitulado “Técnica da Pedagogia Moderna”.

Perfil biográfico

Everardo Adolpho Backheuser nasceu na cidade de Niterói no Estado do Rio de Janeiro, em 23 de maio de 1879 e faleceu em 10 de outubro de 1951. Foi o filho caçula de João Carlos Backheuser, nascido em São Paulo e Joaquina Eugênia de Gouveia Backheuser, nascida no Rio de Janeiro. O seu avô paterno era de origem alemã e sua avó paterna era francesa. Os avós maternos eram de origem portuguesa (BARREIRA, 1999; BACKHEUSER, 1994).

Na Chácara Santa Rosa, ele nasceu e passou infância e mocidade. Nasceu numa família economicamente abastada, mas, com a morte do pai, quando tinha dois anos de idade, a situação financeira mudou radicalmente. A falência do comércio construído pelo pai levou sua família a dificuldades financeiras e, a mãe, – auxiliada pela tia Tijá – começou a trabalhar como costureira para sustentar a família e garantir, com dificuldade, o investimento educacional.

Cursou o ensino primário na Chácara Santa Rosa que alojava o Externato Particular, conhecido como “Colégio de dona Evelina” (sua irmã) e, mais tarde, o Colégio de F. Hermínia Ihmer, “colégio sem nome pomposo, mas cheio de alunos, e de fama” (BACKHEUSER, 1994, p. 24). A mãe, dona Quininha, primava pelos estudos do filho, acompanhava de perto e exigia dele comprometimento com a escola.

Entre 1890 e 1896 cursou os estudos secundários no Ginásio Nacional. Em 1897, matriculou-se na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Em 1899 diplomou-se Engenheiro Geógrafo, em 1901 formou-se Engenheiro Civil e Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas e, finalmente, em 1913, diplomou-se doutor em Ciências Físicas e Naturais (BARREIRA, 1999). Considerando os títulos conquistados por ele, pode-se perceber a importância dada ao acúmulo de capital cultural e infere-se que sua maior herança tenha sido o interesse pelos estudos e pela engenharia.

Aos 15 anos, em 1894, começou a lecionar, oferecendo aulas particulares. Ainda estudante, em 1896 tornou-se preparador interino do curso de Mineralogia na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. No ano de 1903 ele se efetivou nessa mesma instituição e alcançou, anos depois, a Cátedra de Mineralogia e Geologia. Aposentou-se em 1925. Foi também professor do Colégio Pedro II, da Escola Normal de Niterói, do Curso Superior de Geografia da Sociedade do Rio de Janeiro, do Instituto de Pesquisas Educacionais da Prefeitura do Distrito Federal e do Curso de Pedagogia da Faculdade Católica de Filosofia (BARREIRA, 1999).

Ao atuar no campo da Geologia, Backheuser se interessou também por Geografia, Física, Fisiografia e Gemologia. Além destas áreas, se aproximou da Sociologia Aplicada despertando o interesse pelos problemas sociais, políticos e econômicos do Brasil. Santos (1989) o descreve como um patriota, “atento e vigilante”, sendo que produziu de forma abundante nesta área. A carreira no magistério o levou às investigações acerca da educação, atuando em temas como a Pedagogia Moderna, a Biotipologia Educacional, a Administração Escolar, a seleção do magistério, o perfil do professor, etc.

De forma paralela às suas atividades docentes, Backheuser desempenhou funções político-administrativas. Na Prefeitura do Distrito Federal, entre os anos de 1909 e 1937, por exemplo, ocupou vários cargos como os de Engenheiro-chefe, secretário do Prefeito, Chefe da Comissão de Levantamento da Carta Geológica do Distrito Federal, Chefe do Gabinete de Experiências Físicas, Diretor do Museu Pedagógico Central, Chefe da Divisão de Geologia e Sondagens e Diretor do Instituto de Pesquisas Educacionais. Atuou também, ainda que por pouco tempo, diretamente no cenário político, filiado ao Partido Republicano Conservador (PRC), foi Deputado da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro em 1910 e 1915. Foi também chefe dos Municípios de Cabo Frio, São Pedro da Aldeia, Araruama, Capivari e Rio Bonito. Além disso, compôs a Comissão de Instrução, Saúde e Obras Públicas. Backheuser passou um tempo preso porque, na disputa pela

sucessão presidencial (1921/22), se opunha a Artur Bernardes que venceu Nilo Peçanha (BARREIRA, 1999).

Teve destaque também no campo jornalístico. Ainda com 16 anos deu início à sua atuação no jornalismo político com a fundação do semanário "O Brasileiro". Neste mesmo contexto, foi redator de outros escritos como "O Nacional" (diário) e "A Pátria" (panfleto semanal de educação cívica). Entre 1901 e 1930, colaborou com vários jornais: "O Fluminense", "A Capital", "O Estado", "Jornal do Brasil" e "Correio da Manhã". Além da atuação no campo do jornalismo político, marcou presença no jornalismo especializado, seja acadêmico, educacional ou científico, ora como redator, diretor ou colaborador. Teve uma trajetória marcante, de forma especial, nos periódicos: "Revista Didática" da Escola Politécnica do Rio de Janeiro (1898-1911-1925), "Revista de Ensino" de SP (1923), "A Escola Nova" (1929-1930), "Boletim dos Professores Católicos" (1932-1933) e "Revista Brasileira de Pedagogia" (1934-1936), entre outros.

Sublinha-se a sua participação em campanhas político-sociais, de forma especial, aquelas voltadas ao campo pedagógico, destacando-se a "Campanha em prol da educação" (1924) quando ao lado de Heytor Lyra, funda a ABE. Em 1926 ele participa e lidera a 'Campanha pela renovação do ensino de Geografia'. Em 1927, ao lado de Fernando de Azevedo, atua na "Campanha em prol da Escola Nova" e a partir de 1928 começa a participar de forma ativa da "Campanha em prol do ensino religioso" (BARREIRA, 1999). A produção intelectual de Backheuser perpassa temas que vão das habitações operárias à educação escolar, passando pela Geologia, Geopolítica, Antropogeografia, Linguística e Religião.

a) A conversão ao catolicismo

Em 1928 Backheuser converteu-se ao catolicismo. Fora educado em um lar de catolicismo pouco fervoroso, e acabou se distanciando da Igreja. Quando ingressou no Liceu e presenciou ataques constantes de seus professores ao catolicismo, afastou-se ainda mais da religião (ERRERIAS, 2000). Quando perdeu a primeira esposa, morta numa viagem de família à Alemanha, ele decidiu trazer o corpo da esposa para ser enterrada em Niterói, onde moravam. Ela foi embalsamada e teve feita a sua máscara mortuária. Esperando o trem para voltar ao Brasil, Backheuser, até então, ateu, teve uma visão:

De súbito, vejo no canto superior do quarto, batido pelo sol de Verão, formar-se, em contornos nitidamente delineados, um grupo de nuvens, do qual surgia, sorridente, o busto de Ricarda. Sobre seu ombro repousava o braço do eterno pai, conforme as Bíblias Escolares o costumam representar, como homem de aspecto sério, de longa barba branca. Senti-me arrebatado (BACKHEUSER apud SANTOS, 1989, p. 461).

Diante dessa experiência, Everardo Backheuser decidiu se converter ao catolicismo. As fontes encontradas trazem indícios de que a sua conversão foi uma decisão pessoal, no entanto, compreende-se que esta mudança de posição teve grande significado no campo pedagógico. Pois, foi a partir daí, que este intelectual ajustou as suas lentes teóricas e filosóficas e começou a militar de forma entusiástica, no campo marcado pela contenda entre católicos e pioneiros, em busca de um equilíbrio entre 'tradição' e 'modernidade'. Como os escritos didáticos de autoria do convertido Backheuser (alguns prefaciados pelo Padre Leonel Franca, adepto à filosofia tomista), visavam à renovação da educação e baseavam-se na *Divini Illius Magistri* do Papa Pio XI³, Errerias (2000) infere que a inspiração da sua intelectualidade católica seja tomista⁴. No entanto, como veremos adiante, se Backheuser propõe uma terceira via entre 'o antigo' e 'o moderno', apropriando-se dos escritos de autores modernos, acredita-se que a sua inspiração filosófica católica não seja tão tradicional quanto a tomista e esteja mais voltada ao neotomismo⁵.

Backheuser movimentou-se no 'lado católico' e no 'lado escolanovista'. Empenhou-se na luta pela Escola Nova; publicou artigos na revista "A Ordem" e ministrou um curso sobre Escola Nova no Instituto Católico de Estudos Superiores, no Rio de Janeiro a pedido de Alceu Amoroso Lima (cuja sistematização foi eternizada num manual pedagógico). Um estudo sobre a sua rede de sociabilidade se mostra muito relevante atentando para a forma com que se relacionou e travou disputas ideológicas com outros intelectuais católicos e escolanovistas do seu campo/tempo. Entretanto, para este espaço, entre as várias facetas do professor Backheuser – que na sua trajetória acumulou os capitais cultural, social e simbólico – sublinhasse a sua atuação no campo pedagógico, para além da docência, como propositor de um escolanovismo católico, tentando perceber como as disposições do seu *habitus* constituído foram sendo expressas no movimento da sua trajetória neste campo. Pistas dessa 'terceira via' entre tradição e modernidade no campo pedagógico, podem ser percebidas no interior da Confederação Católica Brasileira de Educação e nas páginas da "Revista Brasileira de Pedagogia"⁶. Todavia, para este artigo, envidaram-se esforços para compreender o escolanovismo católico de Backheuser a partir de partes do seu manual pedagógico "Técnica da Pedagogia Moderna", publicado em 1934.

"Técnica da pedagogia moderna": norteador de um escolanovismo católico

No cenário brasileiro da década de 1920, a intenção era erigir uma nação sobre os alicerces da modernidade, e para este fim, a educação foi escolhida como a via mais eficaz. De acordo com Xavier (1999), neste período a educação se constituiu como a bandeira da construção de um país moderno. A educação se tornou alvo de intelectuais, sobretudo católicos e

escolanovistas, que almejavam a dominação do campo pedagógico, agindo por estratégias diferentes. Aqui interessa focar nas intenções e ações do grupo fundamentado na filosofia católica.

Em relação às estratégias dos intelectuais católicos, o objetivo maior era reaproximar a hierarquia eclesiástica dos leigos, para então instaurar uma militância católica com a intenção de recatolizar o país e as suas instituições. A ação católica voltou-se para o ensino oficial, procurando recuperar a influência da doutrina católica na educação do povo brasileiro. As ações estratégicas centraram-se na luta contra o ensino laico, insistindo pela introdução e manutenção do ensino religioso nas escolas públicas; a subvenção dos poderes públicos às escolas confessionais e a criação de uma universidade católica (XAVIER, 1999). A mobilização dos grupos católicos operou em diversas frentes: fomentava debates acerca dos seus projetos para contemplar as necessidades católicas, organizava forças na arena política e divulgava o seu ideário, em especial, por meio da imprensa escrita. Aos intelectuais católicos pairava a missão de “confrontar as propostas dos intelectuais de orientação laica, buscando, ao mesmo tempo, a expansão do ideário católico dentro da sociedade” (NARCIZO, 2008, p. 25-26).

Alguns intelectuais católicos empreenderam estratégias, apropriando-se do ‘novo’ calcado em suas ‘velhas’ lentes. E o alvo de suas estratégias foram os professores, tentando estruturar ou reestruturar o seu *habitus*, para garantir a posição dos seus agentes e a conservação do grupo no campo da disputa pela dominação política e filosófica da educação. Estes intelectuais ressignificaram, estrategicamente, as concepções escolanovistas em seus enunciados para que os professores se afastassem do ideal do grupo rival, fazendo com que a Igreja fosse compreendida como a instituição mais adequada para se posicionar como dominante e conduzir o campo educacional. No contexto em que, no meio intelectual católico, emergiram discursos simpáticos em relação a algumas ideias defendidas pelo movimento da Escola Nova, destaca-se Everardo Adolpho Backheuser. Posicionou-se ao lado do grupo católico, no entanto, suas ações não visavam interceptar a difusão dos ideais do grupo oposto. Agiu de forma a dialogar com os preceitos escolanovistas sem deixar de lado as lentes da clave católica, valendo-se de estratégias elaboradas no sentido de propagar entre os professores, um escolanovismo católico.

b) Em busca do equilíbrio entre ‘tradição’ e ‘modernidade’

Enquanto a sociedade brasileira do início do século XX entrava em disputa por projetos educacionais que sinalizassem o ideal de nação, tomando a educação como o lugar de efetivação da tal modernidade, entre consonâncias e dissonâncias, os manuais pedagógicos são legitimados e assumem o lugar de ‘verdade oficial’ configurando-se como sintetizadores da articulação entre teorias e práticas que visavam a formação de uma

‘nova’ nação. Ecoando os discursos da substituição do ‘velho’ pelo ‘novo’, os manuais pedagógicos vêm divulgar as recentes descobertas no campo científico-educacional atuando como suportes, dispositivos para a tal transformação, e, nessa onda renovadora, emergem como protagonistas e levam aos professores primários, o projeto educacional nacionalista.

A primeira edição do manual intitulado “Técnica da Pedagogia Moderna” foi publicada em 1934, pela Civilização Brasileira S.A. e fez parte da Biblioteca Brasileira de Cultura, dirigida por Alceu Amoroso Lima (NARCIZO, 2008). Neste artigo, o manual é tomado como ‘norteador de um escolanovismo católico’ que seria uma espécie de terceira via entre o ‘velho’ representado pela dita escola tradicional e o ‘novo’ representado pela modernidade trazida pela escola nova. No prefácio da sua primeira edição o padre Leonel Franca afirma que:

Entre estes dois extremos [tradição e modernidade] o Dr. Backheuser soube, com rara felicidade, manter o equilíbrio ideal do justo meio: acolhimento agradecido de tudo o que nos trazem, numa tradição respeitável, a experiência dos séculos e a colaboração das gerações passadas; aceitação franca sincera e integral de toda contribuição moderna que a ciência tem posto a serviço da pedagogia (FRANCA apud BACKHEUSER, 1934, p. 9).

Ao analisar o manual, pôde-se perceber o interesse de Backheuser pela Escola Nova já no início do Preâmbulo. Nessa parte do livro, ele explica que ao se aposentar da cátedra da Politécnica, em 1927, pôde finalmente, dedicar-se aos estudos relacionados à pedagogia primária. Afirmando que a Escola Nova atraía a sua atenção, demonstra a sua curiosidade pelas literaturas alemã, norte-americana e suíça sobre este assunto. Cita rapidamente as viagens que fez e nas quais pôde conhecer experiências escolanovistas em diversos países onde passou o tempo suficiente para compreender a generalidade do sistema e a minúcia dos métodos:

Apossando-nos das ideias capitais da nova pedagogia, entusiasmamo-nos por elas. E de volta ao Brasil não descansamos um só minuto em sua propaganda. Em artigos de jornal e revistas; em conferências públicas; em “sessões de estudo” com o magistério; em palestras diárias com professores e professoras que nos honravam com suas visitas; de todo modo enfim, procuramos disseminar os princípios da Escola Nova (BACKHEUSER, 1934, p. 11).

O autor demonstra admiração pelo fato de que, em tão pouco tempo, pudessem ser notadas tantas doutrinas e teorias sobre Escola Nova, numa grande confusão que chegara atingir os próprios dirigentes da Instrução

Pública. Diante disso Backheuser afirma que à propaganda da Escola Nova era essencialmente necessária uma sistematização. O que o levou a pensar em um curso sistemático de pedagogia nova. Para Carvalho:

No final do século XIX, sob o impacto crescente da aposta cientificista no poder da educação, esse novo modelo de impresso propõe um também novo padrão de organização do *corpus* dos saberes pedagógicos. Nele, o impresso passa a ser organizado com a pretensão de totalizar e sistematizar doutrinariamente um campo de saberes – o da Pedagogia – investindo-o do caráter de *corpus* de conhecimentos dedutivamente derivados de conhecimentos filosóficos ou científicos (CARVALHO, 2006, p. 6).

A ideia da sistematização foi concretizada em 1933, quando Backheuser, a pedido de Alceu Amoroso Lima, ministrou um curso sobre Escola Nova no Instituto Católico de Estudos Superiores, no Rio de Janeiro. No ano seguinte, este curso foi transformado em livro. Eternizou-se assim por meio do texto impresso, definido pelo seu próprio autor como sendo “ao mesmo tempo uma tribuna de proselitismo pela Escola Nova, um campo de polêmica sobre os inquinados antagonismos entre a doutrina católica e a Escola Nova, e uma agência de informações variadas de caráter prático” (BACKHEUSER, 1934, p. 13).

Pode-se observar que o autor volta-se para a compreensão dos pontos essenciais da Escola Nova com a intenção de esclarecer e demonstrar a aplicabilidade das orientações escolanovistas para os professores. Backheuser traz tanto o plano teórico acerca do pensamento educacional escolanovista, quanto o plano prático no que diz respeito às orientações didáticas ao professor. Nota-se a preocupação do autor em, além de esclarecer os princípios da Escola Nova ao seu público alvo – o professorado – possibilitar a sistematização destes preceitos, ressaltando a metodologia que deve ser empregada. Backheuser fundamenta a sua argumentação a favor de uma determinada concepção de escola nova fazendo referência a vários educadores, tanto escolanovistas quanto católicos. Faz parte da sua argumentação a apropriação que faz, por exemplo, das citações de autores escolanovistas laicos para defender a presença da religião na escola nova. O autor concentra as suas críticas muito mais nas correntes políticas e filosóficas – de modo especial às socialistas e materialistas – do que propriamente em autores específicos.

A análise – ainda prematura – desse impresso singular leva a crer que o olhar de Backheuser sobre a Escola Nova se fundamenta nas lentes do catolicismo. Ora o autor se aproxima do ideário escolanovista, ora se afasta, depurando-o de tudo o que possa lhe parecer profano. Para Errerias (2008) a sistematização de Backheuser se propõe a:

separar o joio do trigo para que a Escola Nova continue a ser católica e para que a escola católica possa ser nova. Backheuser circunscreve alguns conceitos da escola nova ao catolicismo demonstrando que é legítimo ao professorado católico ser escolanovista porque o escolanovismo, no que tem de bom e belo, emana do catolicismo. Sendo assim, confere competência científica para a Igreja continuar legislando sobre os fins da educação (ERRERIAS, 2008, p. 38).

O escolanovismo católico proposto por Backheuser é complexo e abrange os aspectos pedagógicos, filosóficos, políticos e psicológicos. Em todos, pode-se observar identificações e antagonismos entre os ideários católicos e escolanovistas. Estes aspectos estão integrados no desenvolvimento de uma 'educação integral'. Para Backheuser, a Escola Nova deveria proporcionar uma educação integral que teria como instrumentos a iniciativa, a cooperação e o preparo para a vida pela vida: "Num ponto ao menos há perfeito e completo acordo entre todos os adeptos da escola nova: *cumpra que a escola dê educação integral*" (BACKHEUSER, 1934, p. 38, grifo do autor). Para o escopo desse artigo serão elencados apenas alguns pontos que podem ser pistas para a compreensão do escolanovismo católico presente no manual analisado. São eles: o aspecto filosófico; a neutralidade e laicidade da escola e o papel do mestre na escola nova.

Acerca do aspecto filosófico, o autor descarta os vieses teórico-filosóficos socialistas e comunistas – entre os teóricos ele cita Dewey – e individualistas – aqui cita Rousseau e Spencer – apostando que somente a filosofia católica proporciona o equilíbrio necessário para a educação. Nesse sentido, para Backheuser (1934, p. 44), "Em função da filosofia há de caminhar a pedagogia. Esta é um instrumento; aquela, o artífice que maneja a ferramenta. Má ou boa será a execução, conforme a filosofia que adotar o pedagogo". Para o autor, as perspectivas socialista e comunista enfatizam de forma demasiada a cooperação e o desenvolvimento do instinto social do aluno diminuindo e até aniquilando a sua personalidade. Enquanto que os individualistas hipertrofiaram a personalidade infantil e os seus sentimentos esquecendo de cultivar a solidariedade social. Entre os exageros individualista e socialista, deve-se adotar "o ponderado meio termo católico" (BACKHEUSER, 1934, p. 45). Cumpra então ao pedagogo dosar a escola nova de forma equilibrada, ou seja, calcada na filosofia católica. A pedagogia nova deve pregar a vida em cooperação ativa, não ser só ativo e nem só ajudar aos outros, a cooperação deve ser ativa e a atividade deve ser realizada em cooperação.

Em relação à neutralidade, para o escolanovista católico, uma escola neutra não é possível. Em nenhuma das suas faces, seja política, filosófica, religiosa e nem mesmo na científica. Sempre existirá a impossibilidade da

neutralidade real, tanto na escola tradicional, como na Escola Nova. Julga-se importante concentrar na interpretação do autor acerca da “neutralidade da escola na face religiosa”:

É impossível dar ensino sem uma certa orientação religiosa. Explícita ou implícita há sempre essa orientação. Qualquer noção ministrada nas escolas, seja científica, artística, econômica ou moral, pode ser feita supondo a existência de Deus ou negando essa existência. Todos os conhecimentos humanos são, em uma palavra, guiados por uma concepção espiritualista ou por uma concepção materialista do universo. A escola agnóstica, a escola sem o conhecimento de Deus, é uma utopia, é uma maneira capciosa de apresentar o problema, porque desconhecer Deus é negá-lo. A escola agnóstica é uma escola religiosamente partidária (BACKHEUSER, 1934, p. 78).

Nesse sentido pode-se afirmar que Backheuser defende o ensino religioso nas escolas e mais, que esta questão política pode ser considerada uma das mais polêmicas no conflito entre católicos e escolanovistas, pois, esses últimos são adeptos da laicização do ensino. Backheuser (1934, p. 83) conclui que “não se pode dizer que a escola nova é a escola neutral e laica, pois que então não existiria escola nova, de vez que é impossível haver escola neutral”.

Para este intelectual católico o ponto nevrálgico na questão da prática da escola nova é justamente o papel reservado ao professor no processo educativo. Segundo o autor, muitos escolanovistas defendem que o professor não deve intervir no decorrer dos estudos para não atrapalhar a iniciativa da criança. As afirmações destes e de outros tratadistas da escola nova podem levar à impressão de uma campanha para o anulamento total do mestre. Porém, ele afirma que o “apagamento do mestre” é apenas aparente, pois, “quando dissemos atrás que o mestre se anula, não significamos com isto que ele desapareça” (LOURENÇO FILHO apud BACKHEUSER, 1934, p. 255). Backheuser afirma que o professor deve atuar como colaborador e deve, sempre, suscitar problemas. E acrescenta:

É ele o tribunal definitivo a que recorrem os alunos quando as dúvidas se tornam insolúveis para a capacidade da classe. A sua autoridade é, portanto, muito maior. É a autoridade não de quem fala sem talvez ser ouvido, mas de quem opina em última instância perante “partes” em litígio. É a autoridade do juiz e não a do feitor (BACKHEUSER, 1934, p. 255-256).

Advogando em favor de uma educação integral, chama atenção para os pontos cardeais da Escola Nova, tomando cuidado para não enfatizar

um em detrimento do outro e mantendo como alicerce, a filosofia católica, dando à sua própria argumentação um tom de equilíbrio entre tradição e modernidade. Estrategicamente, Backheuser aparece, nas linhas didáticas do seu manual, como um conciliador que leva a discussão da Pedagogia para além do campo dela mesma, para além da Metodologia ou da Didática, situando o debate no campo da Filosofia, ao refletir sobre os fins da educação.

Considerações finais

O escopo desse empreendimento foi realçar alguns indícios para compreender a trajetória de Everardo Backheuser como intelectual atuante, especialmente, no campo educacional brasileiro, no contexto de embate entre católicos e escolanovistas, sobretudo no final da década de 1920 e primeira metade da década de 1930, como expoente de um escolanovismo católico.

Foi instigante perceber que um engenheiro, geólogo e doutor em Ciências Físicas e Naturais, com atuações significativas no campo jornalístico e político, foi também professor e militante no campo pedagógico brasileiro. Ainda ateu, atuou em diversas frentes, as quais são apenas citadas no texto, mas, com a sua conversão ao catolicismo, é que a sua atuação no campo pedagógico ganhou fôlego. Foi na sua faceta como um exemplar do pensamento católico brasileiro, que defendeu os 'territórios do espírito' numa conjuntura de franca ascensão dos referenciais científicos, que o artigo se concentrou.

Focando as lentes de forma especial no primeiro manual pedagógico que escreveu, foi possível perceber pistas da sua tentativa de encontrar pontos de equilíbrio entre a Escola Nova e a pedagogia católica. Fazendo uma leitura católica das Escolas Novas, este intelectual apropriou-se de alguns postulados do ideário renovador e os reapresentou nos seus escritos didáticos, apresentando uma 'terceira via' entre o que, naquele contexto, era tomado como 'o novo' e 'o velho', 'o tradicional' e 'o moderno'. Por isso, Backheuser é considerado expoente de um escolanovismo católico, uma espécie de modernismo que almeja aliar ciência e religião. No Brasil republicano, positivista e cientificista, Backheuser emergia como uma espécie de missionário, o qual tendo vivido como ateu, em determinado momento, ingressou na militância católica, fazendo da sua missão, convencer que era possível transitar pela ciência sem ferir os princípios da filosofia católica.

Muitos aspectos da obra e da trajetória de Everardo Adolpho Backheuser ainda não foram decifrados, inclusive indícios mais claros do escolanovismo católico por ele empreendido, o que torna os estudos acerca desse intelectual ainda mais relevantes. Por ora, conclui-se esse estudo introdutório considerando Backheuser um intelectual que tomou a religião como fundamento e a ciência como ferramenta na edificação do seu ideal de educação, de Escola Nova.

Notas

* Mestra em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: ma.marirosa@gmail.com

** Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Docente associada do Departamento de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: gladysteive@gmail.com

¹ Este artigo trata de alguns pontos que vem sendo desenvolvidos em uma tese de doutoramento na qual, a autora, orientada pela coautora, tem investigado a atuação deste intelectual no campo educacional brasileiro nas décadas de 1920 e 1930 e a apropriação da Escola Nova em um dos manuais pedagógicos de sua autoria.

² Fundadores da ABE: Amerino Wanick, Antonio Cavalcanti de Albuquerque, Armanda Alvaro Alberto, Antonio Carneiro Leão, Benevenuto Ribeiro, Berta Lutz, Branca Fialho, Candido de Mello Leitão, Carlos Américo Barbosa de Oliveira, Carlos Delgado de Carvalho, Edgard Susekind de Mendonça, Eduardo Borgerth, Everardo Backheuser, Ferdinando Labouriau Filho, Fernando Nerêo Sampaio, Fernando Raja Gabaglia, Francisco Venâncio Filho, Gentil Ferreira de Souza, Heitor Lyra da Silva, Ignacio Azevedo do Amaral, J. Porto Carrero, Jurandir Paes Leme, Laura Lacombe, Levi Fernandes Carneiro, Maria dos Reis Campos, Mário Paulo de Brito, Othon Henri Leonardos, Pedro Deodato de Moraes, Vicente Licínio Cardoso, Victor Lacombe (FREIRE FILHO, 2002).

³ Carta Encíclica de Sua Santidade o Papa Pio XI acerca da Educação Cristã da Juventude, publicada em 1929. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_31121929_divini-illius-magistri.html. Acesso em: mar. 2016.

⁴ O tomismo é a linha de pensamento que procura manter as teses básicas da filosofia de São Tomás de Aquino (SOARES, 2014).

⁵ Já que o neotomismo traria “ares modernos” ao tradicionalismo do tomismo, sem rechaçar as suas bases filosóficas. Soares (2014, p. 66) define o neotomismo como uma “corrente filosófica católica que procura, a partir da filosofia de São Tomás de Aquino, elaborar novas conclusões e pressupostos filosóficos, inclusive a partir da análise e adaptação de filósofos modernos”.

⁶ Detalhes sobre a atuação de Backheuser na Confederação Católica Brasileira de Educação e na Revista Brasileira de Pedagogia podem ser encontrados no trabalho de Sgarbi (1997).

Referências

ARDUINI, Guilherme Ramalho. Em busca da Idade Nova: Alceu Amoroso Lima e seu projeto de organização social (1928-1937). In: **Simpósio Nacional de História**, 25, 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009. CD-ROM. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wpcontent/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0706.pdf>. Acesso em: mar. 2016.

BARREIRA, Luiz Carlos. Everardo Adolpho Backheuser. In: FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque, BRITTO, Jader de Medeiros (Orgs.). **Dicionário de educadores no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRIO DE JANEIRO/MEC-Inep, 1999, p. 175-181.

BACKHEUSER, Everardo Adolpho. **Minha terra e minha vida**: Niterói há um século. Rio de Janeiro: Niterói Livros, 1994.

_____. **Técnica da pedagogia moderna** (teoria e prática da Escola Nova). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S/A, 1934.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 183-191.

_____. A gênese dos conceitos de *habitus* e campo. In: _____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 59-74.

_____. Os campos como microcosmos relativamente autônomos. In: _____. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora da UNESP, 2004, p. 18-29.

_____. Alta costura e alta cultura. In: _____. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século, Sociedade Unipessoal, 2003, p. 205-215.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A Caixa de Utensílios e o Tratado**: modelos pedagógicos, manuais de pedagogia e práticas de leitura de professores, 2006. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/coordenadas/eixo03/Coordenada%20por%20Marta%20Maria%20Chagas%20de%20Carvalho/Marta%20Maria%20Chagas%20de%20Carvalho%20-%20Texto.pdf>. Acesso em: jan. 2016.

_____. **A escola e a república e outros ensaios**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

_____. **Molde nacional e fôrma cívica**: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista, São Paulo: EDUSF, 1998.

_____. Pedagogia da escola nova e usos do impresso: itinerário de uma investigação. **Educação**, Santa Maria, v. 30, n. 2, p. 01-09, 2005. Disponível em: <http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2005/02/a6.htm>. Acesso em: nov. 2015.

CUNHA, Marcus Vinícius; ERRERIAS, Cláudio Antônio Christante. Everardo Backheuser, engenheiro-educador. In: CUNHA, Marcus Vinícius (Org.). **Ideário e imagens da educação escolar**: polêmicas do nosso tempo. São Paulo: Autores Associados, 2000, p. 29-44.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Ideologia e educação brasileira**: católicos e liberais. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

DAROS, Maria das Dores. Intelectuais e projetos educacionais em disputa no Brasil dos anos 1930-1940. **Roteiro**, Joaçaba, p. 255-270, 2013. Ed. Especial. Disponível em <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/roteiro/article/view/2054/pdf>. Acesso em: nov. 2015.

ERRERIAS, Cláudio Antônio Christante. **Catolicismo e educação na década de 1930: o escolanovismo de Everardo Backheuser.** Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2000.

FREIRE FILHO, Ernesto de Souza. **A trajetória da Associação Brasileira de Educação 1924-2001.** Rio de Janeiro: Editora do Educador, 2002.

GHIRALDELLI JR, Paulo. **Introdução à Educação Escolar Brasileira: História, Política e Filosofia da Educação** [versão prévia]. 2001. Disponível em: <http://www.miniweb.com.br/educadores/artigos/pdf/introdu-edu-bra.pdf>. Acesso em: mar. 2016.

MARTINS, Luciano. A gênese de uma *intelligentsia*: os intelectuais e a política no Brasil de 1920 a 1940. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 2, p. 65-87, jun. 1987. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_04/rbcs04_06.htm Acesso em: nov. 2015.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 09, n. 17, p. 240-264, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n17/a10n17.pdf>. Acesso em: nov. 2015.

NARCIZO, Rodrigo Mota. **Ministro de Deus, portador da luz: ações e enunciados católicos de modelação docente na década de 1930.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

RODRIGUES, Cândido Moreira. O papel dos intelectuais nos primeiros anos do Brasil República. In: _____. **Aproximações e conversões: o intelectual Alceu Amoroso Lima no Brasil dos anos 1928-1946.** São Paulo: Alameda, 2013, p. 21-38.

SANTOS, Sydney M. G. dos. **A cultura opulenta de Everardo Backheuser: conceitos e leis básicas da geopolítica.** Rio de Janeiro: Ed. Carioca de Engenharia S.A., 1989.

SAVIANI, Dermeval. Equilíbrio entre a pedagogia tradicional e a pedagogia nova (1932-1947). In: _____. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** São Paulo: Autores Associados, 2013, p. 195-275.

SGARBI, Antonio Donizetti. **Igreja, educação e modernidade na década de 30: escolanovismo católico, construído na CCBE e divulgação pela Revista Brasileira de Pedagogia.** Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 1997.

SOARES, Edvaldo. **Pensamento católico brasileiro: influências e tendências.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni. Entrando no Labirinto. In: **“Uma vez normalista, sempre normalista”:** cultura escolar e produção de um *habitus* pedagógico. Florianópolis: Insular, 2008, p. 23-42.

VIEIRA, Carlos Eduardo. *Intelligentsia* e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, v. 8, n. 1, 2008. Disponível em: <http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/109>. Acesso em: nov. 2015.

XAVIER, Libânea Nacif. A educação como bandeira do país moderno. In: _____. **O Brasil como laboratório: educação e ciências sociais no projeto do centro brasileiro de pesquisas educacionais**. Bragança Paulista: EDUSF, 1999, p. 37-65.

Recebido em: dezembro de 2015.

Aprovado em: março de 2016.